

# O sistema de catalogação automatizada das bibliotecas do British Council

RODRIGO MAGALHÃES \*

MADALENA SÁ NOGUEIRA \*

## RESUMO

*Descreve-se o sistema de catalogação automatizada utilizado nas bibliotecas do British Council e apontam-se as principais vantagens e inconvenientes da sua aplicação através da experiência sentida nas bibliotecas do British Council em Portugal.*

*Conclui-se com algumas considerações sobre a implementação de sistemas de catdlogação centralizada nas bibliotecas portuguesas.*

## ABSTRACT

*The British Council's Cataloguing Service is described and its main advantages and disadvantages experienced by the Council's libraries in Portugal are pointed out.*

*To conclude, some problems connected with the implementation of central cataloguing systems in Portuguese libraries are considered.*

---

\* Bibliotecários do Instituto Britânico em Lisboa.

## INTRODUÇÃO

O British Council, representação cultural da Grã-Bretanha no estrangeiro, tem, nos seus serviços de bibliotecas e informação uma importante frente avançada no seu contacto com o público. Só por si, este facto seria suficiente para que as bibliotecas do British Council, já mais de 100 no mundo todo, contassem com um apoio eficaz dos órgãos máximos da instituição. Aliado a este facto, contudo, existe também a grande tradição inglesa de boas bibliotecas públicas ao serviço do cidadão que, necessariamente, teria que ser reflectida também nos serviços culturais da Grã-Bretanha no estrangeiro. Para se fazer uma ideia da importância conferida aos serviços de biblioteca e informação, diremos que, só a verba destinada à aquisição de livros, para as duas bibliotecas do British Council em Portugal, ascende a mais de 3000 contos em 1984.

Os progressos feitos na Inglaterra na catalogação automatizada, com a adopção do formato MARC (Machine Readable Cataloguing) nos anos 60 pela British National Bibliography (BNB), a agência central de tratamento da bibliografia nacional, não tardaram a ter os seus efeitos nas bibliotecas do British Council. A BNB iniciou a comercialização de fichas catalográficas produzidas por computador, para todas as obras registadas na base de dados bibliográfica nacional, conhecida por UKMARC e todas as bibliotecas interessadas podiam fazer a sua aquisição, com uma economia evidente, no trabalho de catalogação e classificação em cada uma delas. O British Council tornou-se cliente da BNB e, embora se verificassem insuficiências no sistema, especialmente devido ao facto de não haver uma cobertura total das obras adquiridas, muito trabalho rotineiro se poupou na catalogação dos milhares de obras entradas nas suas bibliotecas, de meados de 1960 a 1979.

Com a proliferação das utilizações de computadores em bibliotecas, especialmente nas maiores, e o aparecimento de diversas redes de bibliotecas organizadas em cooperativas de tratamento bibliográfico, a BNB então já integrada na British Library, tomou a decisão de suspender o seu serviço de fornecimento de fichas catalográficas e iniciar a preparação de um serviço alternativo, o qual viria a ser chamado LOCAS (Local Cataloguing Service). Assim, o British Council teve que optar também por um serviço alternativo e, depois de consideradas várias hipóteses e feitas algumas experiências piloto, foi decidido que a melhor solução seria a criação de um serviço central de catalogação (e classificação) para apoiar todo o seu sistema de bibliotecas no mundo. Tal serviço foi criado em 1980 com o nome de Global Cataloguing Service, e Portugal foi escolhido para integrar o primeiro grupo de seis países que iriam fornecer os primeiros dados para a formação de uma base de dados bibliográfica que, eventualmente, conterà os registos de catalogação de todas as obras de todas as bibliotecas do British Council.

O sistema que funciona na sede do British Council, em Londres, será descrito, simultaneamente, em duas perspectivas: a do serviço central que

alimenta e administra a base de dados e a da biblioteca de Lisboa que, assim como as outras, fornece os dados para entrada no sistema (Input) e utiliza os dados já processados pelo computador (Output), em forma de catálogos.

## **DESCRIÇÃO DO SISTEMA**

### **1. O Hardware**

O Hardware utilizado é um minicomputador da marca «Texas Instruments», modelo TI 990/10. É constituído por quatro «drives» de discos rígidos (1 DS10, 1 DS300 e 2 DS80), seis terminais video (modelo 911) actualmente em funcionamento, embora teoricamente o sistema tenha capacidade para incluir 25 terminais, e duas impressoras (modelo 810RO). A sua capacidade de memória imediata é de 256 Kbytes e a capacidade de armazenamento, de 400 Mbytes, aproximadamente.

A base de dados contém actualmente cerca de 83 500 registos de catalogação.

O preço de todo este equipamento avalia-se actualmente em cerca de 27 mil contos.

### **2. O Software**

O conjunto de programas que executa a entrada, a ordenação e a saída dos registos de catalogação deste sistema foi desenvolvido internamente por técnicos do British Council. A decisão de não optar por qualquer sistema (package) já desenvolvido e testado ficou a dever-se ao facto de as exigências do Global Cataloguing Service (GCS) serem, de certo modo, únicas. O tempo necessário para pôr o sistema totalmente operacional foi cerca de 18 meses, embora se continue ainda a introduzir alterações e melhoramentos.

### **3. Os Input**

Antes de analisar o cerne da questão dos input, ou seja da entrada no computador dos registos de catalogação, vejamos como se processa o circuito do livro desde que é encomendado localmente, pelas bibliotecas do British Council, até à sua entrada no catálogo.

Os impressos de encomenda LBR3 (ver Anexo I) que contêm os principais elementos identificativos do livro, incluindo, evidentemente, o seu ISBN, são enviados para Londres, dirigidos ao departamento que trata das encomendas de livros (Book Supply Department). Este departamento obtém e envia os livros para os respectivos países, remetendo posteriormente ao GCS uma cópia dos registos de encomenda de cada país. É com base nestes impressos, LBR3, que o pessoal do GCS faz os Input, tomando como ponto de partida os ISBNs.

A primeira fase do processamento dos Input é a verificação, através dos ISBNs, da existência dos livros na base de dados do GCS, o que acontece na maioria dos casos (cerca de 70 % do total). Dos restantes 30 % que não constam da base de dados GCS, a grande maioria (70 %) encontra-se na base de dados UKMARC, do sistema BLAISE (British Library Automated Information Service), a que o GCS tem acesso através de um dos seus terminais. A consulta à base de dados UKMARC constitui, assim, a segunda fase do processo. Finalmente, resta apenas uma percentagem mínima de livros, que, por não se encontrarem em nenhuma destas duas bases de dados, terão de ser classificados e catalogados pelo pessoal do GCS. Estes livros são conhecidos por EMMA (Extra MARC Material) e, como por vezes não são suficientes os elementos que constam dos impressos de encomenda LBR3 para os classificar e catalogar, o GCS tem de adquirir as obras para as poder catalogar directamente, ou, como último recurso, pedir à biblioteca que as encomendou que lhe envie devidamente preenchidos impressos modelo GCS1 de catalogação completa (ver Anexo 2).

Esquemáticamente, os diversos passos dados na entrada dos registos de catalogação da base de dados GCS poderão ser vistos no Fluxograma I.

O quadro seguinte dá-nos as estatísticas dos input efectuadas pelo GCS de Janeiro a Maio de 1984:

1984	TOTAL DOS NOVOS REGISTOS DE CATALOGAÇÃO ENTRADOS NA BASE DE DADOS GCS
Janeiro	2339 (1597 BLAISE + 742 EMMA)
Fevereiro	1714 (1074 BLAISE + 640 EMMA)
Março	1647 (1054 BLAISE + 593 EMMA)
Abril	2346 (1659 BLAISE + 687 EMMA)
Maio	2067 (1406 BLAISE + 661 EMMA)

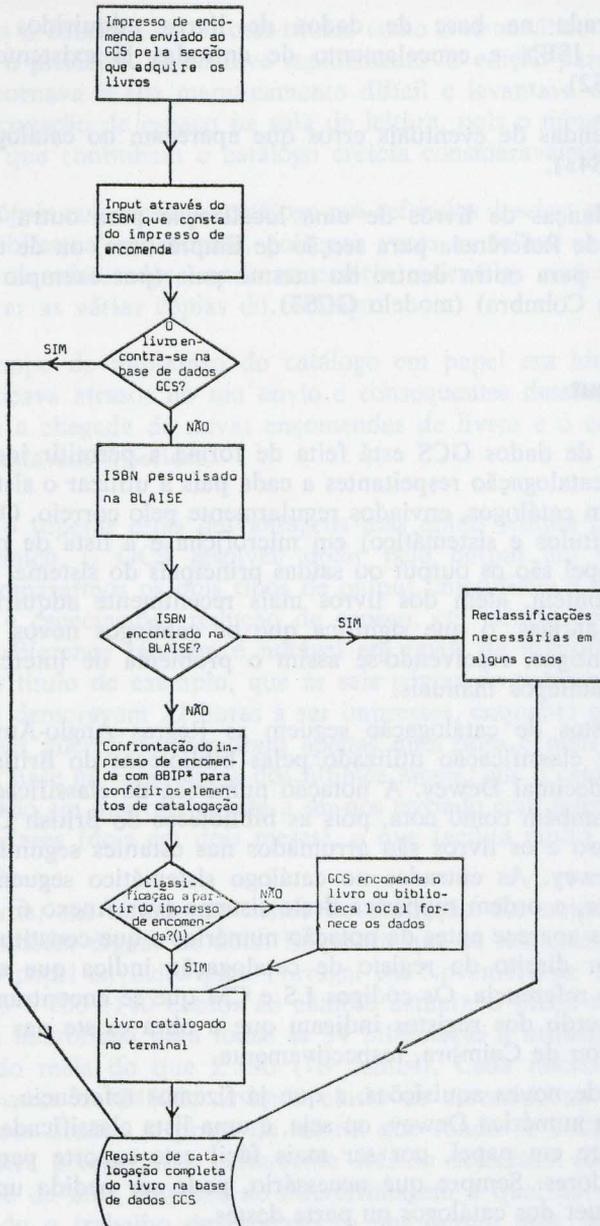
Para efectuar todas estas operações, o GCS dispõe apenas de seis funcionários, cinco a trabalhar em tempo completo e um a meio tempo!

Como elo de ligação e diálogo entre o GCS e as bibliotecas locais, estas possuem quatro modelos de impressos (ver Anexos 2 a 5) para enviarem ao GCS as suas entradas de catalogação ou alterações às mesmas. Tais impressos são utilizados nos seguintes casos:

- a) Catalogação completa dos materiais considerados EMMA incluindo os não-livro, muitos dos quais não constam das bases de dados mencionados (modelo GCS1).

## Fluxograma 1

## ENTRADA (INPUT) DOS REGISTOS DE CATALOGAÇÃO NA BASE DE DADOS GCS



\* BBIP = British Books in Print (em microficha)

1 Há casos em que é possível classificar a partir do impresso de encomenda, por exemplo, as obras clássicas da ficção, etc.

- b) Catalogação de livros adquiridos localmente sem ISBN (modelo GCS1).
- c) Entrada na base de dados de livros adquiridos localmente com ISBN e cancelamento de entradas já existentes (modelo GCS2).
- d) Emendas de eventuais erros que apareçam no catálogo (modelo GCS4»).
- e) Mudanças de livros de uma localização para outra (por exemplo de Referência para secção de Empréstimo) ou de uma biblioteca para outra dentro do mesmo país (por exemplo de Lisboa para Coimbra) (modelo GCS3).

#### 4. Os Output

A base de dados GCS está feita de forma a permitir identificar as entradas de catalogação respeitantes a cada país a utilizar o sistema, constituindo-as em catálogos, enviados regularmente pelo correio. Os catálogos (de autores-títulos e sistemático) em microficha e a lista de novas aquisições em papel são os output ou saídas principais do sistema. Cada catálogo novo contém, além dos livros mais recentemente adquiridos, todas as entradas antigas, o que significa que os catálogos novos substituem sempre os antigos, resolvendo-se assim o problema de intercalação das fichas nos catálogos manuais.

Os registos de catalogação seguem as Regras Anglo-Americanas e o sistema de classificação utilizado pelas bibliotecas do British Council é o sistema decimal Dewey. A notação numérica da classificação Dewey é utilizada também como cota, pois as bibliotecas do British Council são de livre acesso e os livros são arrumados nas estantes segundo a ordem numérica Dewey. As entradas no catálogo sistemático seguem também, evidentemente, a ordem numérica deste sistema (ver Anexo 6). A letra R que por vezes aparece antes da notação numérica e que constitui a cota no canto inferior direito do registo de catalogação indica que se trata de uma obra de referência. Os códigos LS e CM que se encontram no canto inferior esquerdo dos registos indicam que a obra existe nas bibliotecas de Lisboa e/ou de Coimbra, respectivamente.

A lista de novas aquisições, a que já fizemos referência, segue também a ordem numérica Dewey, ou seja, é uma lista classificada e é reproduzida sempre em papel, por ser mais fácil este suporte para consulta pelos utilizadores. Sempre que necessário, pode ser pedida uma impressão de qualquer dos catálogos ou parte destes.

Até Dezembro de 1983 estes catálogos eram impressos em papel, o que apresentava alguns inconvenientes sentidos, não só pelas bibliotecas

locais como pelos próprios serviços do GCS, e que se poderão resumir do seguinte modo:

- Tanto o catálogo de autores-títulos como o sistemático mas sobretudo o primeiro, aumentava rapidamente de edição para edição, o que tornava o seu manuseamento difícil e levantava o problema de ocupação de espaço na sala de leitura, pois o número de dossiers que continham o catálogo crescia consideravelmente.
- A própria colocação do catálogo nos referidos dossiers pelo pessoal da biblioteca era morosa, pois por vezes as folhas chegavam de Londres misturadas, sendo necessário ordená-las correctamente e separar as várias cópias do catálogo.
- O tempo de impressão do catálogo em papel era longo, o que provocava atrasos no seu envio e consequentes dessincronizações entre a chegada de novas encomendas de livros e o catálogo em que estavam inseridas.

Tentando superar estas desvantagens mas tendo sempre em conta o factor económico, o GCS resolveu optar pelo output em microficha. Assim, se compararmos os dois tipos de output, microficha e papel, além da evidente e espectacular redução de espaço, em termos de tempo de impressão a diferença também é notável em favor da microficha. Basta referirmos, a título de exemplo, que as seis cópias do catálogo que Portugal recebia demoravam 22 horas a ser impressas, enquanto que as mesmas cópias em microficha demoram apenas uma hora e meia! Podemos afirmar, com base na experiência dos últimos meses, que o catálogo desde a sua impressão em microficha está a ser-nos enviado com intervalos mais curtos e regulares (dois em dois meses), o que facilita muito o trabalho da biblioteca.

Finalmente, em termos de custos de produção dos output, as diferenças são também dignas de nota. Enquanto que os seis exemplares dos catálogos em papel enviados para Portugal em Novembro de 1983 custaram cerca de £ 700 (140 contos ao câmbio actual), o preço de todos os catálogos em microficha para todas as 54 bibliotecas a utilizar o sistema não teria sido mais do que £ 390 (78 contos). Cada microficha custa actualmente cerca de 24\$00, devendo ainda ser acrescido ao custo total dos exemplares tirados, o preço da matriz que ronda os 300\$00. É evidente que estes preços terão certamente sofrido descontos consideráveis dado tratar-se de uma empresa de microfilmagem à qual os serviços do GCS dão todo o trabalho de reprodução dos output mas, de qualquer modo, eles darão uma ideia das despesas a suportar na opção de output em microficha.

## CONCLUSÃO

O sistema de catalogação automatizada com as características daquele que aqui se descreve não terá certamente só vantagens. Entre os inconvenientes, poder-se-á apontar, por exemplo, a circunstância de durante alguns anos terem que coexistir os catálogos tradicionais de fichas com os novos catálogos produzidos pelo computador. Este é, aliás, um problema comum à maior parte das bibliotecas que optam pela automatização da catalogação, dado que a catalogação retrospectiva se torna externamente dispendiosa em virtude do elevado número de horas/homem necessárias para a efectuar.

O software, desenvolvido internamente, no British Council em Londres, apresentou algumas limitações, as quais segundo sabemos estão em vias de ser resolvidas. As principais são (a) a ausência de programas que permitam fazer um índice alfabético de assuntos, a partir da classificação numérica dada às obras entradas na base de dados, instrumento que deve sempre acompanhar qualquer catálogo sistemático: (b) o número muito reduzido de códigos identificativos de localizações especiais. De momento, os únicos códigos existentes são «R», geralmente utilizado para identificar livros de referência e «S», utilizado para identificar uma colecção especial. Em Lisboa, por exemplo, precisaríamos de mais um código para identificar uma outra colecção especial, a colecção «ELT» (English Language Teaching).

A lista das vantagens, contudo, seria bem mais longa. Além da economia em termos da mão-de-obra utilizada na catalogação das obras que entram nas bibliotecas do British Council em Portugal e que são, na sua maioria, as mesmas que entrarão nas outras bibliotecas da mesma instituição, pelo mundo fora, há ainda outras vantagens no tocante à gestão de existências, cooperação nas aquisições e empréstimos inter-bibliotecas. Tomando como exemplo as duas bibliotecas de Portugal, torna-se agora possível quer em Coimbra quer em Lisboa consultar o catálogo colectivo para o país e pedir um livro por empréstimo de uma biblioteca para a outra, através de um simples telefonema. O catálogo colectivo facilita também o processo da selecção e aquisições que, presentemente, se encontram centralizadas em Lisboa.

Numa outra perspectiva, parece-nos que as vantagens de um sistema de catalogação centralizada são demasiado evidentes para que se torne necessário recomendar a sua aplicação às bibliotecas portuguesas ou, pelo menos, a certos sistemas de bibliotecas em Portugal. Como já havia sido referido anteriormente por um dos autores do presente trabalho (Magalhães, 1982), para que se tornem possíveis e economicamente viáveis projectos de automatização na catalogação em Portugal, é imperioso que uma agência nacional, possivelmente a Biblioteca Nacional, se encarregue da constituição de uma base de dados da bibliografia nacional. Com o desenvolvimento espectacular das tecnologias da informação, é perfeitamente possível fazer coexistir uma base de dados da bibliografia nacional

com outra ou outras de bibliografia estrangeira, tornando assim mais viável a constituição de uma rede de catalogação mais ou menos centralizada, mais ou menos sofisticada, em termos de equipamento informático.

Ao tentar fazer extrapolações sobre o sistema das bibliotecas do British Council aqui descrito, para possíveis sistemas semelhantes, a criar em Portugal, é importante não esquecer que a distância física entre Portugal e a Inglaterra cria certos problemas de comunicação e coordenação que, dentro do próprio país não se fariam sentir. A telemática torna-se dispendiosa quando se trata de ligações constantes e prolongadas entre dois países. Esta a razão por não se ter optado (ainda) por uma ligação, através de terminais, da base de dados GCS com as bibliotecas em Portugal, o que facilitaria todo o processo de alimentação e actualização dos catálogos. Este e outros melhoramentos constituirão, esperamos, a fase seguinte do projecto GCS do Libraries Department, do British Council o qual, até ao momento, tem sido um sucesso.

#### REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Rodrigo — A informática aplicada à documentação em Portugal: que prioridade? *Notícia*, 6 (2) Abril-Junho, 1982, pp. 16-18.

ANEXO 1

* THE BRITISH COUNCIL										LBR 3	
Quantity			Item No.				Order No. (Project No.)				
Author										BC	
Title										BPP	
*(series where applicable)										LDS	
Publisher										ELT	
Price per Copy			Total price				ISBN			BSL	
OVERSEAS DISTRIBUTION							BNB No.			PRES	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	Supply Price To be filled in £ by supplier		
SUBJECT TO DELIVERY WITHIN ONE YEAR.											

## ANEXO 2

**THE BRITISH COUNCIL Global Cataloguing Service****Full Catalogue Data**

GCS 1

<b>Country</b>																											
<b>Locations</b>																											
<b>Lending</b>																											
<b>Reference</b>																											
<b>Special</b>																											
<b>ISBN</b>														<b>Alternative ISBN</b>													
<b>Collective or Uniform Title</b>																											
<b>Title and Statement of responsibility</b>																											
<b>Edition</b>																											
<b>Place of Publication</b>																											
<b>Publisher</b>																											
<b>Date</b>																											
<b>Vol and Part No</b>																											
<b>Title</b>														<b>Date</b>													
<b>Physical description (including pagination and illustration)</b>																											
<b>Series Name</b>																											
<b>Bibliographic History</b>																											
<b>Bibliography/Index</b>																											
<b>Contents</b>																											

## ANEXO 2 (verso)

Class No	Alternative Class No
<b>Headings</b>	
Personal Author	
Corporate Author	
Conference Heading	
<b>Added Entries</b>	
A.E Personal Authors (compilers, editors etc)	1
	2
	3
A.E Corporate Author	1
	2
	3
A.E. Conference Heading	1
	2
A.E. Collective Title	
A.E Uniform Title	
A.E Title	







CLASSIFIED ACCESSIONS LIST

708.2  
 AUTOMOBILE ASSOCIATION  
 TREASURES OF BRITAIN AND TREASURES OF IRELAND . -  
 4th ed.. - London: Drive Publications For the  
 Automobile Association, 1981. - 680p..  
 \*\* 0903356295  
 LS CM

791.430942  
 BARNES, John  
 The Rise of the cinema / John Barnes. - London:  
 Bishopsgate Press, 1983. - 272p : 111.  
 \*\* 0900873515  
 LS

745.407  
 YOUNG BLOOD : Britain's art and design schools today  
 and tomorrow / edited by Kate Baynes. - London: Lund  
 Humphries, 1983. - 96p: 111.  
 \*\* 0853314705  
 LS

R 792.03  
 The OXFORD COMPANION TO THE THEATRE / Phyllis Hartnoll. -  
 4th ed. - Oxford: Oxford University Press, Sept.  
 1983. - 928p. - Previous ed.: 1967.  
 \*\* 0192115464  
 CM

769.4979143  
 PROJECTING BRITAIN: Ealing Studios film posters /  
 David Wilson. - London: BFI Publishing, Oct.1982. -  
 96p.  
 \*\* 0851701221  
 LS

796.358  
 ARLOTT, John  
 How to watch cricket / John Arlott. - London:  
 Collins, Apr.1983. - 144p.  
 \*\* 0002180324  
 LS

782.109421  
 ROYAL OPERA HOUSE  
 A HISTORY OF THE ROYAL OPERA HOUSE: Covent Garden 1732  
 1982 / Andrew Saint ... et al.. - London: Royal  
 Opera House, 1982. - 128p.16p of plates: 111(some  
 col.) .  
 \*\* 0946338019  
 LS

R 796.48  
 OLYMPIC FACT AND FEATS / edited by S.Greenberg. -  
 London: Guinness Superlatives, 1983. - [n.p.].  
 \*\* 0851122884  
 LS

785.092  
 BEECHAM STORIES: anecdotes, sayings and impressions  
 of Sir Thomas Beecham / compiled and edited by  
 Harold Atkins and Archie Newman; with a foreword by  
 Yehudi Menuhin. - London: Robson, 1978. - 96p.4p of  
 plates: 111.  
 \*\* 0860510441  
 LS

ANEXO 6